



# PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUBATÉ

## SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

### PROGRAMA ESCOLA SEM MUROS



## LÍNGUA PORTUGUESA

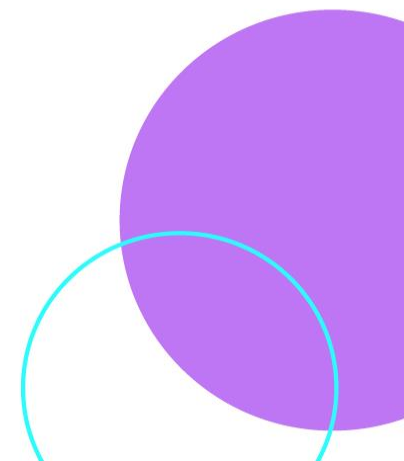
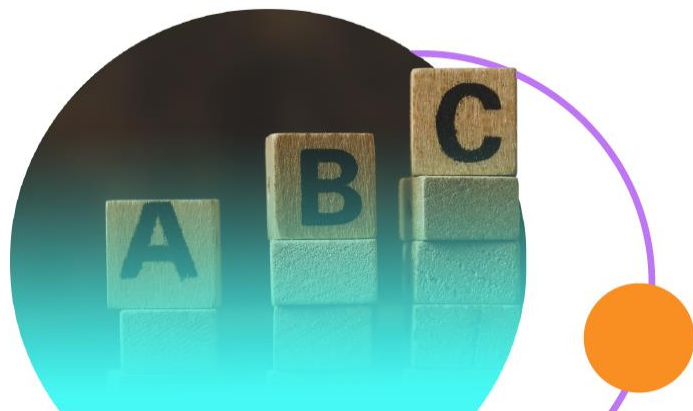
### ENSINO (Médio ou Fundamental)

**Professor:**

**Turma:** 9º ano

**Objeto de conhecimento:** CRÔNICA REFLEXIVA

**Habilidade: (HCEF09LP01T)** Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – crônicas visuais, líricas, narrativas e argumentativas, dentre outras, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.



## CRÔNICA

O gênero textual **crônica** abrange textos que apresentam um fato da vida comum sob uma perspectiva nova e pessoal. Entre os vários tipos de crônica, destacam-se as **crônicas narrativas**, que desenvolvem um enredo, e as **crônicas reflexivas**, que apresentam observações e impressões do cronista acerca de um assunto. Nos dois casos, predominam o tom de conversa (registro informal) e o estilo criativo.

## Exemplo:

### Vitória Nossa

*O que temos feito de nós e a isso considerado vitória nossa de cada dia? Não temos amado, acima de todas as coisas. Não temos aceitado o que não se entende porque não queremos ser tolos. Temos amontoado coisas e seguranças por não nos termos, nem aos outros. Não temos nenhuma alegria que tenha sido catalogada. Temos construído catedrais e ficado do lado de fora, pois as catedrais que nós mesmos construímos tememos que sejam armadilhas. Não nos temos entregues a nós mesmos, pois isso seria o começo de uma vida larga e talvez sem consolo. Temos evitado cair de joelhos diante do primeiro que por amor diga: teu medo. Temos organizado associações de pavor sorridente, onde se serve a bebida com soda. Temos procurado salvar-nos, mas sem usar a palavra salvação para não nos envergonharmos de sermos inocentes. Não temos usado a palavra amor para não termos de reconhecer sua contextura de amor e de ódio. Temos mantido em segredo a nossa morte. Temos feito arte por não sabermos como é a outra coisa. Temos disfarçado com amor a nossa indiferença, disfarçando nossa indiferença com angústia, disfarçando com o pequeno medo o grande medo maior. Não temos adorado, por termos a sensata mesquinhez de lembrarmos a tempo dos falsos deuses. Não temos sido ingênuos para não rirmos de nós mesmos e para que no fim do dia possamos dizer “pelo menos não fui tolo”, e assim não chorarmos antes de apagar a luz. Temos tido a certeza de que eu também e vocês todos também, e por isso todos nem sabem se amam. Temo sorrido em público do que não sorrimos quando ficamos sozinhos. Temos chamado de franqueza a nossa candura. Temo-nos temido um ao outro, acima de tudo. E a tudo isso temos considerado a vitória nossa de cada dia...*

**(Clarice Lispector)**

*Vitória nossa*, de Clarice Lispector, é uma obra de reflexão que revela os questionamentos e anseios dos homens. Utiliza uma linguagem que busca nas áreas mais profundas do inconsciente, onde encontram-se os arquétipos do comportamento humano, os desejos e medos, trazidos à tona por uma visão metafórica que interpreta estados de alma.

## ATIVIDADES

### **Medo da eternidade**

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade. Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas. Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou: – Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira. – Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa. – Não acaba nunca, e pronto. Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta. Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca. – E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver. – Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca. O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhá-vamos para a escola. – Acabou-se o docinho. E agora? – Agora mastigue para sempre. Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto.

E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito. Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar. Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia. – Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou! – Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá. Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso. Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim. 06 de junho de 1970 (LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.289-91)

1. As expressões reino de histórias de príncipes e fadas, elixir do longo prazer e milagre (7o parágrafo) são mobilizadas pela autora para

(A) deixar entrever como a criança, a partir da descrição do chiclete pela irmã com palavras que sugerem a sua imperecibilidade, acabou por associá-lo ao mundo do maravilhoso e da fantasia.

(B) ilustrar o modo como, para uma criança pobre, uma coisa simples e barata como um chiclete pode ser tão difícil de obter que a sua compra é associada à esfera do imaginário ou do miraculoso.

(C) sugerir o caráter fictício do episódio, que, no entanto, é narrado como se realmente tivesse acontecido, o que leva ao embaralhamento entre o que seria próprio da ficção e o que pertenceria à realidade.

(D) argumentar que, na infância, a imaginação sempre predomina sobre a realidade, o que faz com que a criança vivencie situações concretas como se estivesse no mundo da fantasia.

(E) enfatizar a desconfiança da criança em relação à veracidade do que é dito pela irmã sobre o chiclete, pois antes de experimentá-lo não lhe parecia crível a existência de uma bala que não se acabava nunca.

2. Ainda que se saiba da liberdade com que Clarice Lispector lidava com esse gênero, pode-se assegurar que Medo da eternidade é uma crônica na medida em que se trata

(A) de uma dissertação filosófica sobre uma questão fundamental da vida humana, ainda que a escritora acabe se valendo de sua experiência pessoal para ilustrar a tese que se dispõe a defender.

(B) de uma visão subjetiva, pessoal, de um acontecimento do cotidiano imediato, muito embora vivenciado na infância, que acaba dando margem à reflexão sobre uma questão capaz de interessar a todos.

(C) de um texto poético, mesmo que em prosa, em que os acontecimentos vividos no passado ganham uma tonalidade lírica e, em lugar de serem explicitamente narrados, são dados a conhecer de modo alusivo e sugestivo.

(D) da rememoração de um episódio ocorrido na infância e que é narrado tal como foi vivido, sem deixar transparecer as crenças e convicções do adulto que rememora.

(E) de um texto alegórico, em que a história narrada oculta um sentido que vai muito além dela, servindo apenas como veículo da expressão de ideias abstratas que os acontecimentos permitem concretizar.

3. Parei um instante na rua, perplexa. (5o parágrafo) Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. (7o parágrafo) – E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver. (9o parágrafo) As palavras grifadas nessas frases assumem no texto, respectivamente, o sentido de:

(A) atônita – figurava – cerimônia

(B) inerte – transcendia – liturgia

(C) atônita – simbolizava – périplo

(D) desorientada – figurava – imolação

(E) assustada – transcendia – périplo

4. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. (10o parágrafo) No trecho acima, retirado de uma das falas da irmã da autora, o segmento grifado poderia ser substituído corretamente por:

(A) A exceção que

(B) Antes que

(C) A não ser que

(D) Assim que

(E) Ainda que



5. Atente para as afirmações abaixo.

I. Em Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade (1o parágrafo), os adjetivos empregados para qualificar esse contato visam estabelecer um contraste com os acontecimentos que serão efetivamente narrados, deixando entrever a sugestão da autora de que esses fatos, aparentemente importantes, seriam na verdade banais e corriqueiros.

II. Em Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita (15o parágrafo), a repetição do verbo “mastigar”, cujo início ecoa ainda na conjunção. Mas que inicia a frase seguinte, busca sugerir no campo da própria expressão o que havia de repetitivo nessa atividade e o aborrecimento que já advinha do mascar da goma insossa.

III. Em – Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou! (18o parágrafo), o reiterado emprego do sinal de exclamação sugere o exagero próprio do fingimento.

Está correto o que se afirma APENAS em

- (A) I e II.
- (B) I e III.
- (C) I.
- (D) III.
- (E) II e III.

6. Identifica-se relação de causa e consequência entre estes dois segmentos do texto:

(A) Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã / envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso (20o parágrafo)

(B) Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles / Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar (2o parágrafo)

(C) Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele / E aí mastiga a vida inteira (10o parágrafo)

(D) Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer / quase não podia acreditar no milagre (7o parágrafo)

(E) O adocicado do chicle era bonzinho / não podia dizer que era ótimo (12o parágrafo)

7. Um dos elementos mais importantes na organização do texto de Clarice Lispector é o advérbio de tempo, como o que se encontra grifado em:

I. Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade. (1o parágrafo)

II. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta. (7o parágrafo)

III. – E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver. (9o parágrafo)

IV. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar. (16o parágrafo).

Atende ao enunciado APENAS o que consta de

(A) I, II e IV.

(B) II e IV.

(C) II e III.

(D) I e III.

(E) I, III e IV.

## Como funciona uma crônica reflexiva?

Tomando por base o texto de Clarice Lispector, vamos agora refletir sobre algumas características do gênero textual crônica reflexiva.

1. Explique de onde podem surgir as ideias para a escrita de uma crônica.
  
2. Copie no caderno o item que melhor analisa a crônica lida.
  - I. Usa o humor para fazer uma crítica.
  - II. Apresenta uma confissão sentimental.
  - III. Faz observações sobre um fato cotidiano.
  
3. Ainda em relação ao texto, responda.
  - a) A cronista diz que voltou para casa com “a alma ainda amarrotada”. Como você interpreta essa expressão?
  - b) Você acha que essa crônica tem aspectos mais objetivos ou mais subjetivos? Por quê?

## A conversa com o leitor

Numa crônica, como você pôde ver, existe certa proximidade entre o autor e o leitor. Esse gênero textual permite construções que, algumas vezes, lembram as de uma conversa. Um dos recursos usados para criar essa sensação é a interlocução, a fala dirigida diretamente ao leitor. Vamos observar esse aspecto.

1. Releia o trecho final da crônica de Affonso Romano de Sant'Anna.

“É duro. Mas a gente tem de se acostumar. Eu, por exemplo, não queria dizer, mas desde que você começou a leitura desta crônica já perdeu quase mil células. E nem se deu conta. Continue distraído. É melhor.”

- a) Qual termo refere-se ao leitor e ao cronista?
- b) Releia o texto trocando esse termo por as pessoas. O que muda?
- c) De que forma o cronista marca, nesse trecho, uma conversa direta com o leitor?
- d) Explique o conselho que ele dá ao leitor.
- e) Que vocativo você colocaria no início do último parágrafo para marcar a interlocução?

## **Produção textual**

1. Escolha uma situação do seu dia a dia que tenha sido estranha ou engraçada e escreva uma crônica, contando como tudo aconteceu.

### **Siga o roteiro:**

- Pense nas personagens, ou seja, nas pessoas do seu dia a dia que farão parte da sua história.
- Pense em um cenário atual, de preferência urbano.
- Escolha um fato simples, mas que tenha sido engraçado. Lembre-se: o acontecimento que você presenciou é apenas uma inspiração. Você pode inventar alguns trechos e exagerar em outros para deixar o texto com mais humor.

2. Escreva sua crônica e depois revise a pontuação.